

Resenhas



MÉSSEDER, JOÃO PEDRO. PEQUENO LIVRO DAS COISAS. ILUSTRAÇÕES DE RACHEL CAIANO. LISBOA: CAMINHO, 2012

João Manuel Ribeiro*
Universidade de Coimbra

Com este *Pequeno Livro das Coisas* (2012),¹ João Pedro Mésseder (JPM) retoma a poética² que lhe é distintiva e que se distancia lucidamente dos jogos poéticos de matriz tradicional (e oral) e confronta a criança/leitor com a dessacralização da linguagem, a superação do imaginário estereotipado e a experiência das representações insólitas e paradoxais do mundo, a metáfora e outros recursos estilísticos fortes, e sem medo de que a intensidade, a densidade e a opacidade próprias do texto poético sejam alheias e estranhas ao destinatário. Nesse livro, talvez mais do que em todos os anteriores, a poética não é, nem pretende ser, uma lição a aprender, uma beleza a admirar ou um sistema de explicação do mundo, mas antes uma iniciação “à lucidez, ao espanto, libertando o seu olhar e levando-a a reconhecer-se tributária de um destino comum”.³ Transparece, como observa Ana Margarida Ramos,⁴ uma “paixão pela linguagem em todas as suas dimensões, não só com ressonâncias simbolistas, mas também experimentais, assumindo uma vertente de exercício”, e “conduz à criação de um dicionário pessoalíssimo, alternativo”, como se pode verificar em textos como, por exemplo, entre outros, *Pente*:

Apesar
do seu ar
de centopeia,
o pente
não morde,
só penteia.

* joamanuelribeiro30@gmail.com

¹ Livro finalista do Prémio da Sociedade Portuguesa de Autores (SPA) 2013, modalidade de Literatura Infantil e Juvenil.

² Iniciada em *Versos com reversos* (1999) e continuada em *De que cor é o desejo?* (2000), *À noite as estrelas descem do céu* (2002) e *Breviário do sol* (2002, em coautoria com Francisco Duarte Mangas), *Breviário da água* (2004, coautoria com Francisco Duarte Mangas), *Palavra que voa* (2005), *Trocar as voltas ao tempo* (2008), *Guardador de árvores* (2009) e aqui sublimada.

³ SIMEÓN. *La poésie, pourquoi, pour qui, comment?*, p.9 : “Confronter un enfant à la poésie, ce n’est pas lui donner une leçon à apprendre, lui offrir du beau à admirer, lui livrer un système d’explication du monde, c’est l’exercer à la lucidité, à l’étonnement, libérer son regard et l’amener à se reconnaître tributaire d’un destin commun. C’est l’aider à croître dans son humanité”.

⁴ RAMOS. *A ilusão do fragmento como construção poética: aproximações à poesia de João Pedro Mésseder*, p. 196.

Embora menos do que em outros livros do poeta, também aqui o fragmento se consubstancia como forma peculiar de captar e registrar o “olhar primeiro, virginal, puro e incorrupto, sobre a palavra”⁵ e as múltiplas epifanias da realidade, num exercício de “questionamento da língua, do sentido das palavras da sua leitura literal”⁶ e na articulação, sempre excessivamente obsessiva, entre emoção, pensamento e palavra.

Tal movimento, em nada aleatório, configura uma poética que se define e constitui ainda, por um lado, como um gesto ético que manifesta e traduz uma maneira de ser e estar no mundo e que, necessariamente, convoca o leitor a um investimento intelectual, emotivo, afetivo e físico, e, por outro, como um gesto estético que, pela linguagem e pela dinâmica da forma (em oposição à imobilidade formal⁷), revela a polissemia das coisas. A indissolubilidade entre os gestos ético e estético, mais do que manifestar a relação entre conteúdo e forma, é uma proposta de “compreensão da realidade na sua maior complexidade” e “revela-nos uma parte do mistério que habita dentro de nós, que nos rodeia”.⁸ Assim, a poesia de JPM não pode conceber-se como um “suplemento de alma”, uma evasão ou fuga à realidade, mas antes, de certa forma, como violência para a consciência, forçando-a à lucidez e despertando no leitor as questões novas e/ou adormecidas.

Em *Pequeno livro das coisas* (2012), a poesia é ação que possibilita ver “mais” realidade, porque inclui e conjuga um conjunto de capacidades e de sentidos numa “espécie de *cognitio* sensitiva” ou “poder sensível (não intelectual, não conceptual) de revelação ontológica ou, se se preferir, cosmológica”,⁹ como, por exemplo, no poema *Lápis*, onde o objeto enunciado tem “voz de dentro” e “olhos de dentro”, “a que combina palavras” e formas “atrás de um sentido”, lamentando-se que “o ar e o tempo os apaguem: / palavras, formas, sentidos...”. Trata-se de uma forma distinta de aceder e possibilitar conhecimento, ou, de ver ‘através’ da realidade, em distanciar-se do senso comum do real por fidelidade à própria realidade, como, por exemplo, em *Velho banco de jardim*, em que a repetição do verso “se visto de lado”, sugere um outro, vário e alternativo modo de ver. Mais do que um acesso ao sentido, estamos em presença de um acesso de sentido,¹⁰ que faz da poesia utensílio¹¹ e ação.¹² Neste contexto, é legítimo afirmar que a poesia de JPM, por um lado, “nasce da realidade e da experiência” (...) e que “o poeta nunca deixa de tratar, direta ou indiretamente, das questões universais”¹³ (gesto

⁵ RAMOS. *Tendências contemporâneas da literatura portuguesa para a infância e a juventude*, p. 201.

⁶ RAMOS. *Tendências contemporâneas da literatura portuguesa para a infância e a juventude*, p. 201.

⁷ Veja-se a este título a irregularidade da estrutura formal dos poemas, não sendo apropriado falar em quadras, quintilhas ou qualquer outra estrutura formal. O verso, como as estrofes, apresenta-se livre.

⁸ SIMEÓN. *La poésie, pourquoi, pour qui, comment?*, p. 43.

⁹ DIAS. *O que é a poesia?*, p. 8.

¹⁰ NANCY. *Resistência da poesia*, p. 16.

¹¹ MOUNIN. *Poésie et société*, p. 19.

¹² JEAN. *Na escola da poesia*, p. 68.

¹³ SIMEÓN. *La poésie, pourquoi, pour qui, comment?*, p. 34. Para este pedagogo francês as questões fundamentais a que a poesia responde são: “Quem sou eu? O que é o mundo em mim, fora de mim? Quem é o outro? Quem sou eu por relação ao outro? Eis as questões fundamentais, universais à poesia”.

ético); e, por outro, que a poesia de JPM “serve para nos questionar, questionar o mundo e os seus mistérios” (...), através da “reivindicação da liberdade da língua (...) e da sua transgressão consciente que a transporta a um lugar inesperado, insólito”.¹⁴

Na obra em apreço, respeitando-se a especificidade do destinatário preferencial (mas não exclusivo), efetiva-se a interrogação ético-estética inerente à poesia. Tal é verificável na interrogação crítica do (e)feito humano sobre a matéria e a sua influência na existência humana, como no poema *Cómodas*: aqui, à construção de uma cômoda para acondicionar o vestuário por um certo homem seguiu-se a construção, por outros homens, de outras cômodas maiores e mais práticas, sendo que, finalmente

Outros afadigaram-se, mais tarde,
a construir cômodas de vários andares
com muitas e muitas gavetas de tijolo,
cada vez mais altas,
para mais pessoas – e mais cômodas,
com menos espaço
para acomodar as pessoas.

Também a atenção ao quase nada do real ou à realidade ilimitada do real imediato é enfatizada, de forma breve e linguisticamente não familiar, no jogo semântico entre preguiçosos, presente no poema *Espreguiçadeira*:

Que ninguém ouse dizer-me
que tenho ar
de cadeira preguiçosa,
a mim, cujo destino
é suportar o peso e a moleza
de tanto preguiçoso.¹⁵

A não redução da realidade ao superficial, ao aparentemente evidente, personificada e metaforicamente criticada, está presente em *Sinal de proibido*. O desconcerto da realidade metaforizada é tal que o sujeito poético se interroga sobre o conteúdo formal mais adequado para o caracterizar (“– como direi? –”) num jogo entre conteúdo e forma, denunciador da tensão dialógica (mais do que dialética) entre ética e estética:

Com um branco sorriso nos lábios
o sinal de sentido proibido
proíbe.
Mas não é um verdadeiro sorriso:
é sim – como direi? –
um esgar,
um esgar de dentes à mostra.

¹⁴ SIMEÓN. *La poésie, pourquoi, pour qui, comment?*, p. 47.

¹⁵ O sublinhado é nosso.

Reveladores da maneira de ser e estar poeticamente no mundo são os poemas do (que ousamos designar de) “Ciclo da Guerra”, constituído por três poemas que descrevem armas, de uma forma que, a nosso ver, desencadeia no leitor a provocadora e estranha impressão da monotonia da novidade e a fadiga da maravilha e do excesso de sentido.

O poema *Espingarda*, assente numa antítese inicial entre o primeiro e os quatro versos seguintes, termina com o paradoxo do eufemismo, num claro apelo à lucidez:

Bela, esguia, elegante
– e tão sequiosa
de sangue
e de morte,
a espingarda.
O lugar desta elegância
é o mais fundo buraco
que alguém consiga escavar.

Em *Míssil* é o disfemismo que se impõe e desafia à profundidade e ao inesperado, a desvendar o desconhecido das coisas:

Dentro de minutos,
com estrondo,
vai cair.
Quantos meninos
neste instante
ainda estão a rir?

Em *Capacete* é a sequência de registos imagéticos do que deve ser o casco do soldado que surpreende e lhe confere um simbolismo antitético:

Capacete de soldado
só é bom quando servir
de vaso de flor,
malga de sopa
ou regador.

A poética de JPM questiona, suscita crise(s), invade de intensidade, densidade e opacidade o leitor, num inevitável compromisso com o trabalho de *complexificação* da consciência. O lugar das *coisas*, no livro, além de não ser pequeno e não se fixar apenas nos objetos, estende-se ao nome de cada um e à sua utilidade,¹⁶ sendo possível detectar-se uma certa transcendência das *coisas* – uma transcendência na imanência, na linha de Ernest Bloch –, na medida em que a poética das *coisas*, não deixando a esfera do real, remete para uma instância semântica fora de si. Como se cada *coisa* fosse símbolo, relação a um outro sentido, outro olhar, outra realidade que a metáfora transfigura desmedidamente.

As coisas desse livro “são coisas e alguma coisa mais” (texto da contracapa). O cenário dessa “alguma coisa mais” é a sombra, *coisa-desígnio* em que a realidade se

¹⁶ DUARTE. *Pequeno livro das coisas*.

inscreve, num percurso que vai desde “a sombra quieta” “que não parava de estar quieta” do poema inaugural até a sombra que “gosta muito de brincar / ao faz-de-conta” do poema conclusivo. Como se cada objeto (s)ombreasse consigo mesmo, num jogo dialético que simultaneamente mostra e esconde ou ilumina e ensombra e, por conseguinte, deslumbra e assombra. O carácter personificado desta entidade – (em) *A sombra quieta* – autonomiza-se do corpo, sendo considerado ainda como uma “marioneta” (no poema conclusivo: *Sombra*). A separação espacial entre a sombra e o corpo (“[...] /Tomado pelo medo, / o corpo acabou por fugir /daquele sinistro lugar. / Nunca mais ninguém o viu. / E a sombra? / Ainda lá está. / Ali, naquele lugar.”) dissolve-se na voz “estranha e teatral / que a sombra faz” (*Sombra*) e que, consubstanciada na palavra, é a *coisa-maior*, maior que o corpo, maior que os objetos, maior que a(s) coisa(s):

(...)
que só há
porque existe a palavra
que a nomeia
e porque é preciso dar nome
a um medo,
entre tantos. (*Fantasma*)

A voz-palavra não é apenas nome, apesar da ressonância bíblica entre criar e nomear, mas também “um caminho (que) se fez / por dentro da mente do Homem” (*Entre o fogo e a lâmpada*); um olhar/sonho para o “homem hirsuto” (*Primeiro barco*); o “suspiro magoado” do “tempo que sabe esperar” (*Relógio de sala*); uma chama que se extingue sempre, “mas o seu mistério nunca” (*Chama*); o relógio “que persegue o tempo” que “sabe esperar” (*Relógio de sala*).

A voz (d)enuncia a natureza ora sombria, ora incômoda (como em *Cômodas*), ora humorística (em *Exaustor* e *Varinha mágica [de cozinha]*), ora crítica ou mordaz (como, por exemplo, em *Seixo* ou *Pérola*) das *coisas*, registadas nesse grande “pequeno livro”, como inventário vivo e/ou manifesto contra o esquecimento de que a vida se tece, numa poética lúcida e peculiar, caracterizada pela transfiguração imagética e pelo obstinado rigor da linguagem.



REFERÊNCIAS

- DIAS, Saúl. *O que é a poesia?* Coimbra: Pé de Página Editores, 2008.
- DUARTE, Rita Taborda. *O pequeno livro das coisas*. Disponível em: <<http://www.leitura.gulbenkian.pt/index.php?area=rol&task=view&id=31090>>. Acesso: 24 Abr. 2013.
- JEAN, Georges. *Na escola da poesia*. Lisboa: Instituto Piaget, 1995.
- MÉSSEDER, João Pedro. *Pequeno livro das coisas*. Ilustrações de Rachel Caiano. Lisboa: Caminho, 2012.
- MOUNIN, Georges. *Poésie et société*. Paris: PUF, 1962.
- NANCY, Jean-Luc. *Resistência da poesia*. Viseu: Edições Vendaval, 2005.

RAMOS, Ana Margarida. A ilusão do fragmento como construção poética: aproximações à poesia de João Pedro Mésseder. *Forma breve*, Aveiro, 4, 2006, p. 191-216.

RAMOS, Ana Margarida. *Tendências contemporâneas da literatura portuguesa para a infância e a juventude*. Porto: Tropelias & Companhia, 2012.

SIMEÓN, Jean-Pierre, *La vitamine P – la poésie, pourquoi, pour qui, comment?* Paris: Rue du Monde, 2012.

Recebido em 30 de junho de 2013

Aprovado em 4 de abril de 2014